

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
TECHNICOLOR: O ESPLENDOR DA COR
1 de agosto de 2023

THE WIZARD OF OZ / 1939

(*O Feiticeiro de Oz*)

um filme de Victor Fleming (?)

Realização: Victor Fleming (e, não creditado, King Vidor) / **Argumento:** Noel Langley, Florence Ryerson e Edgar Allan Woolf, baseado no romance homónimo de Frank L. Baum / **Fotografia:** Harold Arlen / **Canções:** "Over the Rainbow", "Ding Gong", "The Witch is Dead", "Munchinland", "We're off to See the Wizard", "Follow the Yellow Road", "If I Only Had a Brain", "If I Only Had a Heart", "If I Only Had the Nerve", música de Harold Arlen e letras de E.Y. Harburg; "Optimistic Voices", "Gates of Emerald City", "The Merry Old Land of Oz", "If I Were the King of the Forest", música de Herbert Stothart, letras de E.Y. Harburg / **Coreografia:** Bobby Connolly / **Direcção Artística:** Cedric Gibbons e William A. Horning / **Montagem:** Blanche Sewell / **Efeitos Especiais:** Arnold Gillespie / **Interpretação:** Judy Garland (Dorothy), Ray Bolger (o Espantalho / Hunk), Jack Haley (o Homem de Lata / Hickory), Bert Lart (o Leão / Zeke), Frank Morgan (o Feiticeiro de Oz / o Professor Marvel), Margaret Hamilton (a Bruxa Má / Miss Gulch), Billie Burke (Glinda / a Fada), Charles Grapewin (o Tio Harry), Clara Blondick (a Tia Ema), etc.

Produção: Mervyn Le Roy (e Arthur Freed) para a Metro-Goldwyn-Mayer / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, sépia e technicolor, legendada em português, 101 minutos / **Estreia Mundial:** Hollywood, a 9 de Agosto de 1939 / **Estreia em Portugal:** Cinema Eden, a 13 de Dezembro de 1940 / **Reposição comercial:** Cinema Alvalade, a 3 de Abril de 1981.

A sessão tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo de 15 minutos

No genérico do filme lê-se: *Directed by Victor Fleming*. Lê-se o mesmo no genérico doutro filme do mesmo ano glorioso de 1939, **Gone with the Wind**, aliás, o único filme desse ano mais famoso do que este. Mas, em ambos os casos, sabe-se, Victor Fleming não foi o único realizador e esteve longe de ser o autor.

Aconselhando a leitura do livro de Knopf, *The Making of the Wizard of Oz*, para os fanáticos do filme (e são tantos) começo por lembrar que, além de Fleming, três outros realizadores, pelo menos, trabalharam nesta obra: Richard Thorpe, George Cukor e King Vidor (há quem pretenda que Mervyn Le Roy – oficialmente produtor – também meteu muita colherada).

Se não se sabe bem o que é de Cukor, de Thorpe, de Le Roy, de Fleming (ou, eventualmente, doutros), parece estabelecido que King Vidor realizou as sequências a sépia (embora haja quem diga que muito mais coisas são dele). Como **Gone with the Wind**, **The Wizard of Oz** é um filme de muitos, ou de ninguém. Um filme de Metro, como o seu émulo.

Se começo por esta ponta, é porque já tem sido dito – e, a meu ver, com carradas de razão – que Oz, a cidade-esmeralda, pode bem ser uma portentosa metáfora de Hollywood e esta obra um dos mais subtis *film on films* da história do cinema. Porque só o cinema pode tornar o fantástico tão real (ou tão irreal) e porque no percurso de Dorothy-Judy Garland se perfaz o percurso da

adolescente que, uma vez transportada a esse outro mundo, se transforma numa *star* (e foi este filme que fez de Judy Garland uma *star*).

Kansas é o quotidiano a preto e branco, e triste. Mas Dorothy sabe (desde o início) que *Over the Rainbow* há *somewhere* outra existência. Um cataclismo (o ciclone) e essa outra existência é real, com todas as personagens do seu quotidiano transfiguradas. O cinema começa onde começam o technicolor, os efeitos especiais, os décors da cidade de esmeraldas ou da estrada amarela e onde os Munchkins cantam e dançam. Mas, como no cinema, as luzes da sala acendem-se e tudo volta a ser preto e branco. Dorothy acordou e voltou a Kansas.

Exegetas houve que levaram esta análise até grande minúcia e até ao ponto de comparar o Feiticeiro com Louis B. Mayer, o senhor da Metro, nessa época. Mas poder-se-ia dizer a mesma coisa por outras palavras. Fazer do cinema o sinónimo do sonho e ver neste filme uma das mais perturbantes e poderosas manifestações do carácter onírico desta arte. Só que esse sonho é um sonho só possível (e é essa a capital diferença entre o livro de Frank Baum de 1901 e o filme de 1939) para uma geração já formada pela magia do cinema, para uma geração que cinematograficamente já se pergunta se sonha a cores ou a preto e branco. É um sonho só possível para a geração post-Disney, ou seja que já foi formada num determinado tipo de imaginário.

Podem fazer-se (e muito legitimamente) interpretações analíticas do **Feiticeiro de Oz**, género "psicanálise de contos de fadas". Não faltam poderosas metáforas: a rapariga sem pais (o que é implícito no filme, mas justifica a nossa tristeza perante a Dorothy inicial); os sapatos (sapatos de rubi, ainda por cima) que permitem a Dorothy ser invencível (todo o seu poder vem deles) e ser o chefe num mundo de "homens" todos sem qualquer coisa (começa-se nos miolos e acaba-se no "nerve"); o campo de papoilas (mais de vinte anos antes da era psicadélica); a vassoura da bruxa; os liliputianos chupa-chupas; as maçãs; a floresta do capuchinho vermelho; a água que desfaz a bruxa; a voz do Feiticeiro e a imagem dele. E o espaço obriga-me a ser muito sucinto. Mas todas essas metáforas reenviam não apenas à estrutura do conto de fadas, mas à estrutura do imaginário fílmico do conto de fadas (e não é por acaso que o filme é pontuado de elementos disneyanos).

Também não foi por acaso que os produtores (Freed e Le Roy) tanto discutiram sobre se deviam ou não conservar as sequências a sépia. Alguns críticos mais afectos à "política de autores" (sou insuspeito ao dizer isto) têm dito que essas reticências provinham da especificidade do estilo de King Vidor (e tornou-se hoje um lugar comum dizer que a sequência do *Over the Rainbow* – indiscutivelmente filmada por Vidor – é a mais bela do filme) e da eventual disparidade com o resto da obra. Mas a questão é mais complexa: podia conservar-se – sem grande risco de frustração – a moral específica do livro de Baum, do género "não há como a nossa casa"? Lá ficou e ainda bem, não por causa da moral, mas por causa do efémero. Oz não podia durar sempre. Os paraísos acabam ao amanhecer. "Viveram muito felizes". Qual a criança que, profundamente, acredita nisso? Acredita é no "conta outra vez" e o "conta outra vez" é o segredo da estrutura ternária desta obra.

Depois, há Judy Garland. Sabe-se que a Metro pensou em Shirley Temple, mais nova seis anos do que Judy (tinha em 1939 exactamente os 11 anos que Dorothy no livro era suposto ter) para o papel. Parece que foi uma birra da Fox que impediu essa distribuição. Mas esse prodigioso acaso (Judy teve que ser infantilizada e tiveram que lhe fazer um *soutien* especial) só aumenta a ambiguidade da obra. Porque Judy, apesar da caracterização (que algumas fontes atribuem a Cukor) é sempre mais uma rapariga do que uma miúda e assim se insinua um erotismo que perpassa na sua relação com os três companheiros. Sobretudo no "sonho", ela deixa de ser (numa criação assombrosa) a miúda do cãozinho (Toto, única "personagem" que não muda ao longo do filme) para ser, como todos os outros, algo de híbrido e indeterminado, tanto em sexo como em idade. *Over the Rainbow*, há *a merry old land* e ao espantalho dirá, na despedida do balão, que

"I'm going to miss you most of all". E quando volta (apesar da amargura do final) é como se tivesse sido "baptizada de amor": tios, amigos e mago, adquirem uma tonalidade afectiva que não tinham tido no início, como se entre todos houvesse a secreta cumplicidade da "viagem" (donde os tios estão sintomaticamente ausentes, porque efectivamente não faziam parte do imaginário de Dorothy).

E acabo na questão do género, **The Wizard of Oz** é um musical? Apesar da maravilhosa partitura de Arlen, apesar da prodigiosa coreografia de Connolly (o bailado dos "Munchkins", *"we must be over the rainbow"*), apesar das canções universalmente célebres, essa caracterização é tão defensável, como a que integrasse o filme num ciclo do "fantástico". Ou, como comecei por dizer, num ciclo dos *films on films* ou do "cinema para crianças"; ou ainda do "filme de aventuras".

The Wizard of Oz atravessa todos os géneros, sem se deixar fixar em nenhum, o que o distingue tanto das adaptações anteriores do livro ao cinema (em 1914 e em 1925) como das posteriores (**The Wiz** de Sidney Lumet, de 78 ou **Back to Oz** de Walter Murch, de 85).

Vezes sem conta imitado (já se disse que quase todos os filmes posteriores contêm uma referência a **The Wizard of Oz**) nunca mais se atingiu o seu segredo, que é o de tantas coisas conter e de tantas coisas ser feito. 71 anos depois, continua a ser um dos filmes preferidos pelas crianças e um dos que mais inesquecivelmente marcaram as gerações que o viram nessa idade. Porque, como escreveu Danny Peary, o cinema sempre foi o meio privilegiado de fuga e *"The Wizard of Oz dramatically illustrates the escape they desire most"*. E a impossibilidade dela.

Não resisto também a uma citação final, também de Danny Peary: *"Quando ela (Judy) canta tão maravilhosamente o "Over the Rainbow", sentimos que Garland, aos 16 anos, acreditava, tanto quanto Dorothy, na canção que lhe prometia uma terra distante, feita de paz e felicidade. E da cada vez que **Wizard** passa na televisão, temos vontade de a avisar que quando se passa para lá do arco-íris é preciso ter muito cuidado"*. Só me pergunto se o cuidado a ter é com os ciclones que nos levam ou com os balões que nos trazem.

Afinal de contas, como lhe diz a fada (essa espantosa Billie Burke), ela podia, desde o início, ter voltado a Kansas. Bastava que tivesse desejado fazê-lo... *"We're off to see the wizard"* e o feiticeiro só nos ensina a acordar. É a mesma velha história, desde **The Wizard of Oz** até ao **Harry Potter**. E depois não se queixem que, mudando, fiquemos na mesma.

Em *Over the Rainbow* há outra existência. A existência do cinema, de que esta casa é espaço e tempo. Cada filme só nos faz passar para lá do arco-íris. Sigamos os passos de Dorothy a caminho da cidade das esmeraldas.

JOÃO BÉNARD DA COSTA

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico